



Editorial

Ao certo, Nietzsche é um dos filósofos que mais amplamente corresponde à ideia de um clássico, entendido como o autor de um pensamento inesgotável que permite sempre novas interpretações e abordagens. Desconsiderando, por certo, as abordagens equivocadas, mal intencionadas ou reducionistas que se apropriaram da sua filosofia, especialmente nos primeiros anos da recepção de seu pensamento, e tendo por inspiração aquelas que, como Karl Löwith e Müller-Lauter, impuseram sentidos consistentes ao trabalho de interpretação, apresentamos ao público mais este número da *Revista Estudos Nietzsche*. O propósito é divulgar o pensamento do filósofo, mas, também explorar seus textos e, com a honestidade intelectual propalada por ele, participar na tarefa de conduzir adiante o seu pensamento em todas as suas possibilidades.

Neste número em particular, são levados a público cinco artigos que analisam o pensamento de Nietzsche por meio de aproximações e confrontos com outros pensadores, além de duas resenhas e uma tradução de texto inédito do filósofo.

O primeiro artigo é de Allan Davy Santos Sena, doutorando da Unicamp. No artigo intitulado “Nietzsche, Féré e o tipo psicológico de Jesus em *O Anticristo*”, Allan retoma as investigações sobre o tipo psicológico de Jesus, num estudo que aponta a obra do médico francês Charles Féré como uma das principais fontes de Nietzsche para a confecção do tipo psicológico Jesus, especialmente se for considerado o fenômeno da hiperexcitabilidade como um sintoma de degenerescência fisiológica. O segundo artigo é de Eduardo Ribeiro da Fonseca, da PUCPR. Em seu artigo intitulado “Dionísio e o mistagogo: apontamentos sobre a questão do parricídio filosófico”, o professor Eduardo promove um confronto entre os pensamentos de Nietzsche e o de Schopenhauer, retomando a questão clássica da negação da Vontade por Schopenhauer e sua afirmação por Nietzsche e colocando

em questão a possibilidade de uma injustiça com Schopenhauer por parte de Nietzsche, que teria preservado mais do pensamento de Schopenhauer do que poderia admitir, mesmo em seus últimos escritos. O terceiro artigo, do professor Ernani Chaves, pesquisador e ex-coordenador da área de filosofia do CNPq, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPA, intitula-se “A arte das paixões: Nietzsche leitor de Prosper Mérimée”. Um artigo que coloca em relevo a importância de Mérimée, autor do livro que deu origem à ópera “Carmem”, de George Bizet, tanto para a reflexão de Nietzsche sobre as paixões quanto para a compreensão de alguns motivos que levaram Nietzsche a se separar de Wagner. O próximo artigo é do pesquisador Fernando R. de Moraes Barros, professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará. O propósito de Fernando é colocar em debate a dicotomia sensualidade *versus* castidade e avaliar a percepção de Nietzsche acerca do matrimônio, o que faz retomando a crítica de Nietzsche à arte wagneriana especialmente em *Além de bem e mal* e *Para a genealogia da moral*. O último artigo deste número da *Revista* é de Silvio Pfeufer, de Leipzig, doutor em Filosofia pela Ernst-Moritz-Arndt-Universität Greifswald, pesquisador do GIRN (Grupo Internacional de Investigações sobre Nietzsche), autor de *Die Entgrenzung der Verantwortung. Nietzsche - Dostojewskij – Levinas*. Em seu artigo, Pfeufer compara as desconstruções nietzscheana e levinasiana do pensamento e da moral greco-europeias com o objetivo de esclarecer as compatibilidades e incompatibilidades destas alternativas, tendo em vista em especial o tema da responsabilidade individual.

As duas resenhas são dos livros *Para ler o Zaratustra de Nietzsche*, de José Nicolao Julião, feita por Flavio Sousa (PUCPR), e *Le voyage de Nietzsche à Sorrente. Genèse de la philosophie de l'esprit libre*, feita por Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR). A tradução, feita por Roberto Barros, é de parte das anotações referentes à *Preleção sobre a gramática latina* e dizem respeito a um curso ministrado por Nietzsche então na Universidade da Basileia no semestre de inverno de 1869/70.

Votos de boa leitura!

Os editores